



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO
Gabinete do Vereador Aurélio Nomura

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

REQUERIMENTO Nº /2014

Senhor Presidente,


Considerando o teor da reportagem do jornal "O Estado de S. Paulo, de 05.09.14, com o título "Crianças vivem "sitiadas" em hotéis da Cracolândia" (doc. em anexo);

Considerando que até 09.09.14 a Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo pagou à ONG União Social Brasil Gigante, o valor de R\$ 4.621.484,00, pela execução do Projeto de Braços Abertos (doc. SOF anexo).

Requeiro nos termos regimentais, ao Exmo. Senhor Presidente da Comissão de Finanças e Orçamento, que seja oficiado o Secretário Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo, Excelentíssimo Senhor Artur Henrique, para que envie a esta Comissão as seguintes informações:

1. Cópia dos Relatórios Técnicos de acompanhamento do convênio – Projeto de Braços Abertos com a ONG União Social Brasil Gigante.
2. Cópia do Parecer Técnico que embasou a contratação da ONG União Social Brasil Gigante sem licitação.
3. Cópia dos alvarás de funcionamento dos hotéis que abrigam os participantes do Projeto na Região da Cracolândia

Sala da Comissão de Finanças e Orçamento, setembro de 2014.


Aurélio Nomura
Vereador PSDB



Da água para o vinagre

A forma equivocada pela qual o programa - se é que ele merece esse nome - Braços Abertos se propõe a cuidar da recuperação de viciados da Cracolândia ficou evidente desde que ele foi lançado pelo prefeito Fernando Haddad no começo do ano e, por isso, não surpreende que seu malogro seja, a essa altura, também evidente. A situação degradante em que vivem crianças "sitiadas" em quartos de hotéis da região alugados pela Prefeitura para abrigar os viciados, mostrada em reportagem do *Estado*, é apenas mais uma consequência desastrosa do malsinado programa.

Entre 30 e 40 crianças passam dias trancadas nos quartos, por não terem quem cuide delas. As condições de higiene nesses locais - onde convivem com sujeira, ratos e insetos - são as piores possíveis. Sem falar nos corredores escuros dos hotéis, onde também se acumula lixo. Como há vagas em creches e escolas para todas as crianças, segundo moradores dos hotéis, se elas não são utilizadas, só pode ser por incapacidade de pais e responsáveis de fazer com que usufruam desse benefício, ao qual - diga-se de passagem - dezenas de milhares de outras crianças paulistas não têm acesso.

A explicação da Prefeitura não convence. Segundo ela, há dificuldades decorrentes de uma fase de "transição" - do fim do contrato emergencial

firmado com a ONG Brasil Gigante para administrar o programa e da espera da assinatura do próximo contrato com outra selecionada por meio de licitação. A seguir esse raciocínio, é inevitável que em fases de transição, tão frequentes na administração pública, surjam problemas assim. Salta aos olhos que isso não é verdade. A única explicação para o que está acontecendo é que, na presa e na improvisação que são a marca dessa administração, não foram tomados os cuidados habituais para evitar esses "problemas de transição".

Tão logo o caso veio à tona, Haddad anunciou que as crianças serão transferidas para outros locais, onde ficarão livres dos problemas a que hoje estão expostas. Por que só agora? Não houve um mínimo de fiscalização, capaz de detectar problemas graves como esse, como fez a reportagem, muito menos aparelhada para isso do que o serviço especializado da Prefeitura? Pelo visto, não.

A situação é mais grave do que supõe Haddad, que pensa pôr um ponto final no caso com a simples transferência das crianças. O advogado Ariel de Castro Alves, membro do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos (Condepe), lembra com razão que a manutenção de crianças naquelas condições viola o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), porque elas ficam expostas a riscos. "É estarrecedor que isso ocorra, ainda mais em um ambiente mantido pela

Prefeitura", afirma ele. E adverte: "Pais e Prefeitura, por meio dos responsáveis pelo programa, podem responder por crime de maus-tratos".

Haddad pode se iludir - ou tapar o sol com peneira -, como ao afirmar, a propósito desse episódio lamentável: "Se nós compararmos o que está sendo feito neste ano com o que foi feito nos anos anteriores, a mudança é da água para o vinho". A verdade, quando se considera com isenção o programa Braços Abertos, é que a situação mudou, mas para pior - da água para o vinagre.

O das crianças "sitiadas" em locais infectos é só um dos problemas desse programa. Segundo o Conselho Comunitário de Segurança de Santa Cecília, os hotéis onde estão alojados os viciados não têm documentos básicos de segurança, como o Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (AVCB). Ele permitiria interditar esses imóveis, medida que pode se tornar inevitável, porque, como a própria Prefeitura reconhece, parte dos beneficiados pelo programa está arrancando até chuveiros dos hotéis para vender e comprar drogas.

O malogro do programa pode ser resumido em poucas palavras: como seus beneficiários têm acomodação de graça, salário de R\$ 15 por dia, assistência médica e refeições, mas não são obrigados a se tratar, têm mais dinheiro do que antes para gastar com drogas, não cuidam dos filhos e ainda dependem os hotéis.



Crianças vivem 'sitiadas' em hotéis da Cracolândia

Abrigos do Braços Abertos, também usados como moradia, acumulam sujeira e infestações: Prefeitura diz que tomará ações

Bruno Ribeiro

Dezenas de crianças estão vivendo sitiadas nos quartos dos hotéis alugados pela Prefeitura de São Paulo para abrigar dependentes químicos da Cracolândia. Elas passam o dia trancadas em seus quartos, isoladas pelo consumo de crack dos vizinhos. Passados sete meses do início do programa Braços Abertos, aposta da gestão Fernando Haddad (PT) para enfrentar o vício na região, os hotéis acumulam sujeira, ratos e corredores sem iluminação.

O total de crianças ali varia entre 31, segundo a Prefeitura, e 45, conforme afirma o proprietário dos hotéis, Manoel Souza. "Quando não estão na creche, se estacaram, eu ligo com eles na praça Largo Sagrado Coração",

Se está frio, eles ficam aqui trancados, o dia todo", diz a dona de casa Jancina Conceição Xavier, de 34 anos. Com ela, vivem três filhos. Ela espera pelo quarto.

Segundo os moradores, todas as crianças têm vagas em creches e escolas da região. O problema é a falta de condições de higiene nos hotéis onde elas estão vivendo. Ontem, um dos hotéis, na Alameda Barão de Piracicaba, estava com corredores totalmente escuros, sem lâmpadas, com sacos de lixo acumulados em um canto e um

cano de água estourado, vazando pelo corredor. Os moradores que conversaram com a reportagem relataram a presença de ratos e insetos.

Parte do problema tem origem burocrática. A entidade contratada para cuidar dos hotéis, a Organização Brasil Gigante, tem reduzido atividades na região, uma vez que seu contrato está para vencer. Internamente, a avaliação da Prefeitura é que esse é um momento de "transição" entre entidades, daí a queda na fiscalização da qualidade dos hotéis.

Mas ali há também crianças que não têm relação direta com o programa. A dona de casa Leida Pereira da Silva, de 63 anos, vive com seis crianças (quatro netas e duas sobrinhas netas). Ontem, três delas passaram a tarde em colchões que se jun-



NA WEB

Portal. Pais falam sobre as crianças na Cracolândia

estadão.com.br/cracocrianca

Cad/Pag: 423



Perigo. Segundo familiares, crianças ficam nos quartos para não ter contato com crack

tem no chão, por causa da falta de espaço. "Eu já morava aqui antes de eles (os usuários de crack atendidos pelo programa) chegarem. Agora, é só abrir a porta para sentir o cheiro de crack queimando". Sem contar as brigas", diz. Na casa, não há ninguém atendido pelo programa. "Não sou usuária", conta.

Em nota, a gestão Haddad afirma que "não concorda com o grau de deterioração descrita e vai notificar imediatamente a ONG Brasil Gigante para fazer cumprir com seus fornecimentos as condições dignas e adequadas de moradia". A nota diz

ainda que "a Prefeitura reitera seu compromisso com o apoio e a assistência a todos os menores que estão em situação de vulnerabilidade social" e afirma que todos os 31 filhos de usuários de crack que fazem parte do programa "têm vaga no contraturno escolar nos Centros de Convivência da Criança e Adolescente" e foram cadastrados no Bolsa Família.

Já a Brasil Gigante não atendeu os telefonemas do Estado.

Maus-tratos. O advogado Ariel de Castro Alves, membro do Conselho Estadual de Defe-

sa dos Direitos Humanos (Condepe), afirma que a manutenção de crianças ali viola o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), uma vez que o ambiente insalubre as expõe a riscos. "É estarrecedor que isso ocorra, ainda mais em um ambiente mantido pela Prefeitura." As crianças deveriam ser afastadas do ambiente de abuso de drogas. "Essa é uma medida que acaba punindo a criança com o afastamento do convívio com os pais. Pais e Prefeitura, por meio dos responsáveis pelo programa, podem responder por crime de maus-tratos", conclui.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Extrato de Empenho por Credor

em R\$

Período de: 01/01/2014 até: 09/09/2014
Credor: 00.177.289.000/1-5 - UNÃO SOCIAL B.PASIL GEANTE
Folha Pagamento: Não

Table with columns: Data, Nr.º/Anc, Nr.º Processo, Órgão, Unidade, Documentação, Empenhado, Cancelado, Liquidado, Pago, Saldo a Liquidar, Liquidado a Pagar. Contains multiple rows of financial data.

11.284.557,00 347.102,83 587.207,22 79.625,90 2.513.879,97 1.076.564,11

Handwritten note: 4.621.484,20



Promotoria investiga situação de hotéis

O Ministério Público Estadual investiga as condições dos hotéis escolhidos pela Organização Não Governamental Brasil Gigante para abrigar os dependentes de crack do Programa Braços Abertos. Segundo representação feita pelo Conselho Comunitário de Segurança (Conseg) de Santa Cecília, os sete hotéis não têm documentos básicos de segurança, como Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (AVCB).

O promotor de Justiça da Habitação Mário Augusto Vicente Malaquias tem um inquérito aberto sobre o caso desde julho. "Ele aguarda um relatório de inspeção feito pelo Núcleo de Assistência Técnica do MP", segundo informa a assessoria de

imprensa do MPE.

A ONG Brasil Gigante foi contratada de forma emergencial, sem licitação, pela Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo, quando uma favela surgiu no meio da Cracolândia. Mas parecer da Controladoria-Geral do Município recomendou que uma licitação convencional fosse feita para manter o serviço. O processo deve estar concluído no próximo dia 9. A avaliação da Prefeitura é que a falta de AVCB poderia facilitar a interdição dos imóveis, uma vez que a gestão Haddad reconhece que parte dos usuários do programa está dilapidando os edifícios - levando trincas e chuveiros para trocar por drogas. A Procurado-

ria-Geral do Município ainda avalia se há forma prevista em lei para a Prefeitura reformar os hotéis - que não são dela nem locados diretamente por ela.

Programa. O Programa Braços Abertos consiste em fornecer moradia, alimentação, assistência médica e emprego para dependentes de crack. A proposta era não atacar diretamente a dependência da droga, mas sim os demais fatores de vulnerabilidade social das pessoas.

No primeiro semestre de funcionamento do programa, 422 pessoas foram atendidas. Delas, 122 aderiram voluntariamente a programas de tratamento à dependência do crack. Nessa população, afirma a Prefeitura, o consumo de crack teve uma queda que variou entre 50% e 70%. "De uma média inicial de 10 a 15 pedras por dia, o consumo passou à média de cinco pedras diárias, concentrado no período noturno", diz nota da Prefeitura. /B.R.

Cad/Pág: A23



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Transações de Processo

Número do Processo: 2014-0.006.134-9

Exercício: 2014

Evento	Documento	Referência	Empenho	Tipo Empenho	Data	Órgão/Unidade	O/U Exec	Credor	Valor	Saldo a Pagar
Canc. Reserva	6164	10667			04/06/2014	30/10			2.389.200,00	0,00
Canc. Reserva	6165	10668			04/06/2014	30/10			1.113.950,31	0,00
								Total:	3.503.150,31	
Contratação	264/2014				01/01/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	8.224.601,26	0,00
								Total:	8.224.601,26	
Empenho	73/2014			G	20/01/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	217.200,00	0,00
Empenho	3963/2014			G	24/01/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	170.770,52	0,00
Empenho	10879/2014			E	31/01/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	217.200,00	0,00
Empenho	18414/2014			E	14/02/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	2.172.000,00	0,00
Empenho	18422/2014			E	14/02/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	708.877,47	101.268,21
Empenho	19032/2014			E	18/02/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	303.804,63	303.804,63
Empenho	56283/2014			E	11/07/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	868.800,00	434.400,00
Empenho	56285/2014			G	11/07/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	341.541,04	341.541,04
Empenho	64501/2014			E	11/08/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	198.555,00	198.555,00
Empenho	71619/2014			G	03/09/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	63.531,80	63.531,80
								Total:	5.262.280,46	
Liquidação	3920		73/2014		20/01/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	217.200,00	0,00
								Total:	217.200,00	
Pagamentos	3920		73/2014		20/01/2014	30/10		00.177.289/0001-19 - UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE	217.200,00	0,00
								Total:	217.200,00	
Reserva	57/2014				20/01/2014	30/10			217.200,00	0,00
Reserva	4747/2014				24/01/2014	30/10			170.770,52	0,00
Reserva	4749/2014				24/01/2014	30/10			217.200,00	0,00
Reserva	10667/2014				04/02/2014	30/10			4.561.200,00	0,00
Reserva	10668/2014				04/02/2014	30/10			2.126.632,41	0,00

05 de Setembro de 2014

São Paulo

Crianças vivem 'sitiadas' em hotéis da Cracolândia

Instalações sofrem com a presença de ratos, insetos e lixo acumulado nos corredores. Os sete hotéis participantes do programa da prefeitura não têm Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros



Mulher com cachimbo de crack no Viaduto Jabaquara, uma das principais cracolândias na Zona Sul de São Paulo (Ivan Pacheco)

Dezenas de crianças estão vivendo sitiadas nos quartos dos hotéis alugados pela prefeitura de São Paulo para abrigar dependentes químicos da Cracolândia. Elas passam o dia trancadas nos quartos, isoladas pelo consumo de crack dos vizinhos. Passados sete meses do início do programa Braços Abertos, aposta da gestão Fernando Haddad (PT) para enfrentar o vício na região, os hotéis acumulam sujeira, ratos e corredores sem iluminação.

O total de crianças ali varia entre 31, segundo a Prefeitura, e 45, conforme afirma o proprietário dos hotéis, Manoel Souza. "Quando não estão na creche, se está calor, eu fico com eles na praça (Largo Sagrado Coração). Se está frio, eles ficam aqui trancados o dia todo", diz a dona de casa Janaina Conceição Xavier, de 34 anos. Com ela, vivem três filhos. Ela está grávida do quarto filho.

Segundo os moradores, todas as crianças têm vagas em creches e escolas da região. O problema é a falta de condições de higiene nos hotéis onde elas estão vivendo. Nesta quinta-feira, um dos hotéis do programa, na Alameda Barão de Piracicaba, estava com corredores totalmente escuros, sem lâmpadas, com sacos de lixo acumulados em um canto e um cano de água estourado, vazando pelo corredor. Os moradores que conversaram com a reportagem relataram a presença de ratos e insetos.

Parte do problema tem origem burocrática. A entidade contratada para cuidar dos hotéis, a Organização Brasil Gigante, tem reduzido atividades na região, uma vez que seu contrato está para vencer. Internamente, a avaliação da prefeitura é que esse é um momento de "transição" entre entidades, por isso a queda na fiscalização da qualidade dos hotéis.

Mas ali há também crianças que não têm relação direta com o programa. A dona de casa Leda Pereira da Silva, de 63 anos, vive com seis crianças - quatro netas e duas sobrinhas-netas. Ontem, três delas passaram a tarde em colchões que se juntam no chão por causa da falta de espaço. "Eu já morava aqui antes de eles (os usuários de crack atendidos pelo programa) chegarem. Agora, é só abrir a porta para sentir o cheiro (de crack queimando). Sem contar as brigas", diz. Na casa, não há ninguém atendido pelo programa. "Não sou usuária", conta.



← Anterior

“Prefeitura vai pagar R\$170.000,00 à ONG por um mês na crackolândia”, conta diretor

Publicado em 31 de janeiro de 2014 por Izilda Alves

Compartilhe |

Curtir 30 pessoas curtiram isso.

R\$170.000,00(Cento e setenta mil reais): valor a ser pago pela Secretaria Municipal do Trabalho à ONG Brasil Gigante, de Itaquera, por um mês na crackolândia, na região da Luz, em São Paulo, contou à Jovem Pan o diretor financeiro da ONG, Carlos Alberto de Souza “Foi um contrato emergencial. Não houve licitação. Depois do primeiro mês, será, então, feita a licitação. E nós vamos participar.”

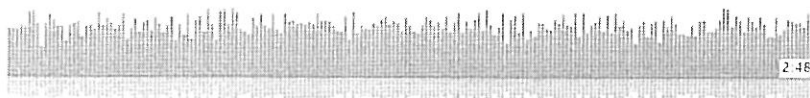
A ONG Brasil Gigante fica na Rua Vicente Avelar,35, Sala 2, no Conjunto Habitacional José Bonifácio, segundo seu site<http://brasilgigante.nmrusso.com.br/contato/>

O contrato é para administrar a operação Braços Abertos, da Prefeitura, atendendo 400 dependentes de crack na região da crackolândia. Sua missão é “capacitar, alimentar, dar moradia e pagar 15 reais por dia aos dependentes para varrer ruas da crackolândia”. O pagamento é feito em sala de hotel onde estão os dependentes na crackolândia. Até ontem, estavam cadastrados 386 dependentes de crack mas, segundo a ONG “25% aparece de vez em quando, some e depois volta. Tem um pessoal que aparece uniformizado, assina a lista pela manhã mas não volta.” Acompanhe a descrição da ONG nas palavras de seu diretor, Carlos Alberto de Souza:



izildaalves
ONG na crackolândia

SOUNDCLOUD



Cookie policy

A operação Braços Abertos da Prefeitura na crackolândia é para 400 dependentes de crack, informa a Secretária Municipal de Assistência Social, Luciana Temer. Começou no dia 14 de janeiro mas até ontem havia 386 cadastrados, todos da favela que invadiu a alameda Dino Bueno, endereço de prédios residenciais, comerciais e ao lado da Sala São Paulo, cartão postal da cidade. Estes 386 dependentes, que pelo crack abandonaram suas famílias, empregos e se tornaram muito doentes pelos efeitos da droga, foram transferidos da rua para quatro hotéis localizados na região da crackolândia e “nenhum deles foi internado para desintoxicação”, conta Carlos Alberto de Souza. “ Tratamento só no Caps da região, unidade da prefeitura onde após a consulta, o dependente volta para o hotel.”

Todos os 386 receberam uniforme e vassoura para varrerem ruas da crackolândia, com direito a moradia e alimentação (café da manhã, almoço e jantar) de graça. E, pelo trabalho de gari, cada um recebe R\$15,00 por dia. explica nesta entrevista Carlos Alberto de Soza, diretor financeiro da ONG que administra a operação da prefeitura na crackolândia :